

TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS COMO FERRAMENTAS PARA O CONHECIMENTO DE PROFESSORES SOBRE A HANSENÍASE

Zailde Carvalho SANTOS⁽¹⁾, Eliane Maria Ribeiro de VASCONCELOS⁽²⁾, Gabrielly Laís de Oliveira SILVA⁽¹⁾, Isis Vanessa Silva de SOUZA⁽¹⁾, Larissa Maria Coutinho de AMORIM⁽¹⁾, Letícia Quirino dos SANTOS⁽¹⁾, Ezequiel Moura dos SANTOS⁽¹⁾

UFPE-CAV - Universidade Federal de Pernambuco-Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão⁽¹⁾, UFPE - Universidade Federal de Pernambuco-Departamento de Enfermagem⁽²⁾

Introdução: A hanseníase ainda é grave problema de saúde pública em algumas regiões do mundo. O Brasil detém o segundo lugar de casos mais concentrados nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Pernambuco é o 4º colocado em número de casos absolutos, com 15 municípios considerados prioritários para a doença, com indicadores de detecção de casos que variam entre 2 e 188/100.000 hab. Entre eles encontra-se Vitória de Santo Antão, situada na zona da Mata Sul, que apresentou em 2015 uma detecção de 11,04 e 5,99 /100.000 habitantes na população geral e em menores de 15 anos, respectivamente, e que apenas 44,44% dos casos neste ano tiveram alta por cura. Ações de educação em saúde realizadas por profissionais de saúde em diversos cenários são importante investimento para o controle da hanseníase, por exemplo na Educação. A preocupação com a situação epidemiológica da doença levou ao desenvolvimento de atividades de educação em saúde numa escola municipal em área com maior concentração de casos no período de 2007 a 2016, com o propósito de formar multiplicadores no ambiente escolar. **Apresentação do Caso/Relato de Experiência:** Foram desenvolvidas atividades de educação em saúde numa escola municipal utilizando tecnologias educacionais para formação de multiplicadores no ambiente escolar. Participaram 12 professores do ensino fundamental de diversas áreas do conhecimento. Aconteceram quatro encontros com duração média de sessenta minutos, cuja abordagem constou de: história da doença, clínica e epidemiologia, tratamento, estigma e preconceito. Foram utilizados vídeos, mobile learning, cartazes, textos, jogos, rodas de conversa. A condução dos encontros foi realizada por professora auxiliada por cinco graduandos de Enfermagem. Antes e após os encontros foi preenchido pelos professores questionário com perguntas sobre: agente patogênico; principais sinais; forma de transmissão; se existe tratamento; se tem medo de pessoas com hanseníase e justificativa para isto. **Discussão e Conclusão:** No pré-teste 58,33% (7) responderam que é uma bactéria; 33,3% (4) responderam que se transmite pelo ar; 83,3% (10) responderam manchas no corpo; 100% (12) que tem tratamento; 33,3% (4) responderam que tem medo, atribuindo –o principalmente à falta de informação e ao preconceito. No pós teste houve 100% de acertos nas perguntas de múltipla escolha, e o medo relatado anteriormente foi relativamente dissipado, justificando-se pelas novas informações adquiridas. Estudo realizado com usuários de unidades básicas de saúde, obteve resultados semelhantes aos encontrados neste relato. Assim, pode-se considerar que a tecnologia se bem utilizada é um facilitador do trabalho pedagógico, dinamizando o conhecimento e, para além disso, como processo de comunicação e construção do saber. Ademais o ambiente escolar estimula seus agentes a agirem pessoal e coletivamente, às Ciências da Natureza para tomada de decisões frente a questões científico-tecnológicas e socioambientais e a respeito da saúde individual e coletiva. **Comentários Finais:** O professor tem desempenhado um papel fundamental na descoberta de problemas de saúde no âmbito escolar (acuidade visual/, deficit do aprendizado), e não poderia ser diferente com a hanseníase, especialmente na utilização adequada de tecnologias educacionais para conhecimento sobre a doença. Outrossim é a inserção de graduandos ao vivenciarem a intersectorialidade no ambiente escolar como um espaço de ensino-aprendizagem e consequente potencialização das ações de educação em saúde.

Palavras-chaves: Hanseníase, Tecnologias educacionais, Educação em saúde, Intersetorialidade